

Declaração do Poeta Carlos Augusto Vianna
na Academia Brasileira de Letras,
do Dia 26 de Junho de 2003

1993

Este dia é um dia muito de alegria, pois aqui, no Brasil, há um poeta que nasceu em 1914, em São Paulo, e que morreu em 1993, em São Paulo, e que foi um dos maiores poetas brasileiros. Seu nome é Carlos Augusto Vianna.

Ele nasceu em São Paulo, em 1914, e morreu em São Paulo, em 1993. Ele foi um dos maiores poetas brasileiros. Seu nome é Carlos Augusto Vianna.

4ª Parte

Discursos

Este dia é um dia muito de alegria, pois aqui, no Brasil, há um poeta que nasceu em 1914, em São Paulo, e que morreu em 1993, em São Paulo, e que foi um dos maiores poetas brasileiros. Seu nome é Carlos Augusto Vianna.

Desde muito cedo, ele dedicou-se à poesia, e foi um dos maiores poetas brasileiros. Seu nome é Carlos Augusto Vianna.

Ele nasceu em São Paulo, em 1914, e morreu em São Paulo, em 1993. Ele foi um dos maiores poetas brasileiros. Seu nome é Carlos Augusto Vianna.

O que nos anima a ler a poesia, não é apenas a beleza das palavras, mas também a descoberta de um mundo novo, de um mundo que nos faz sentir que estamos vivos.

Todo dia encontramos em outras oportunidades sobre o mundo, e é assim que encontramos a poesia, e é assim que encontramos a vida.

Vamos em busca de um mundo novo, de um mundo que nos faz sentir que estamos vivos.

Jáder de Carvalho

Cid Sabóia de Carvalho

Bem no início do século passado, no final do seu primeiro ano, nascia no município de Quixadá aquele que, por mais de oitenta e três anos, cumpriria missões tão importantes quanto de risco, mas que fizeram de sua trajetória um grande rasgo de luz.

No dia 29 de dezembro de 1901, chegava ao mundo Jáder Moreira de Carvalho, filho de Adolfo Carvalho e Rita Moreira de Carvalho, o primeiro dos filhos daquele casal.

Difícil falar sobre este homem, uma vez que pontificou em muitos campos da atividade humana.

Aos dezoito anos de idade já era possível ler nos jornais da terra as suas primeiras produções como poeta e como jornalista que se revelava.

Seria o começo de uma grande jornada, pois nesse campo inicial terminaria por fundar três jornais, os dois primeiros de vida breve e o terceiro capaz de vencer alguns anos. *A Esquerda* e o *Combate* existiram nas primeiras décadas do século. O *Combate* tinha a participação de vários jovens intelectuais da época, como Francisco Viriato de Sabóia, aos quais Jáder se juntaria para mais uma empreitada jornalística, logicamente, pelas dificuldades do tempo, com vida muito breve. O *Diário do Povo*, fundado em 1947, conseguiu resistir até 1962. Já nesse tempo, era uma façanha muito difícil manter um jornal, por mais modesto que fosse. E os três o eram. Mas tiveram a grandeza de pugnar pelas liberdades, pela cidadania, pela condição humana, pela defesa do trabalhador e de suas garantias.

Para isso, na época dos três jornais, era preciso ser corajoso e rebelde, daí porque Jáder de Carvalho tornou-se um grande polemista, só possível de alinhar ao lado de bravos como João Brígido. Isso levou o bravo jornalista a sofrer perseguições, ser emboscado, levar tiros e sempre resistir, ainda mais se considerando que paralelamente ao jornalismo exerceu grande liderança que o levou a grandes manifestações populares, realizando comi-

cios quase sempre dissolvidos pela polícia de então. Podemos dizer que essa personagem de tanto valor criou a prática do chamado comício-relâmpago.

Lateralmente a tudo isso, Jáder de Carvalho foi um dos primeiros advogados daquela entidade que é hoje a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, formando-a ao lado de nomes notáveis em atividade perante o Poder Judiciário.

Nessa condição, tornou-se outra vez um grande rebelde, indignado com os vícios que já afetavam o comportamento dos nossos julgadores. Sempre defendendo gente humilde contra os poderosos, teve, por isso mesmo, grandes dificuldades, em todos os campos em que atuou pela aplicação dos verdadeiros critérios de justiça.

Decepcionado com a mentalidade judicial brasileira, muitas vezes desconstituiu a sua biblioteca jurídica como um solene protesto contra as condições enfrentadas pelos carentes de justiça. Mas, sempre às voltas com o Direito, tinha que reconstituir o seu acervo para novas e novas missões, inclusive no campo do Direito Constitucional.

São dos anos 1930 as várias teses que defendeu, no Liceu do Ceará, nos concursos que enfrentou para fazer parte de seu corpo docente. O problema do índio, as questões demográficas e a identificação geográfica de rios marinhos, fora alguns de seus temas no campo de sua luta intelectual.

Foi professor de Sociologia, mas, por força dos anos de exceção, essa disciplina foi proibida de ser lecionada no Brasil e então houve seu deslocamento para outras cadeiras, inclusive de História do Brasil, e, nessa condição, ainda hoje, é lembrado pelos mais velhos como o melhor de todos os professores que passaram pelo velho Liceu. Há sempre uma referência as suas aulas.

Como professor, Jáder de Carvalho, na ditadura de Getúlio Vargas, foi privado de sua cátedra e condenado a vinte e cinco anos de reclusão, pena interrompida depois de aplicada por um Tribunal de Exceção, que libertou presos políticos ao final da Segunda Grande Guerra Mundial.

Como intelectual, deixou uma obra muito ampla no campo da Sociologia, do Romance, da Poesia, sem esquecer sua obra

jornalística, escrita em diversas folhas, entre elas *O Povo* e *Tribuna do Ceará*. Chegou a publicar um livro intitulado *Meu Passo na Rua Alheia* com uma seleção de artigos.

Fosse feito um levantamento dos jornais, chegaríamos a vários volumes contendo suas produções jornalísticas, ainda valiosas, independentemente do transcurso do tempo.

Sua primeira participação em livro ocorreu em 1931 com *Terra de Ninguém*, obra muito festejada e até hoje marcada por nela estar contido o poema *Terra Bárbara*, declamado constantemente pelo Brasil afora.

Antes da publicação dessa obra pela Livraria Moraes, participou da antologia intitulada *Canto Novo da Raça*, em co-autoria com três notáveis poetas daquele tempo.

Rebelado ante a publicação de uma antologia de poetas cearenses que excluía os novos, comandou a rebelião que culminou com a publicação de um livro de contestação, constituído de poemas selecionados, todos de autoria de gente da nova geração. A obra se intitulava *Os Novos*.

Fazia parte do movimento de renovação literária, rompendo as velhas estruturas e levando o Ceará a uma expressão modernista, um pouco diferente do que ocorreu em São Paulo, em 1922, onde o movimento era comandado por intelectuais de uma certa elite. No Ceará, o movimento tinha características populares e mais sociais.

No campo do romance deixou obras que jamais serão esquecidas, entre elas *Doutor Geraldo*, obra queimada pela ditadura de Vargas, *Classe Média*, *Eu Quero Sol*, antecedido por *A Criança Vive*, editado no Rio de Janeiro, em 1946, pela famosa Editora O Cruzeiro.

São polêmicos dois romances, ambos editados em São Paulo, *Sua Majestade*, *o Juiz* e *Aldeota*, obras esgotadas e que são procuradas no país inteiro e cujas novas edições surgiram na comemoração do centenário do autor.

Por conta do centenário, a Universidade Federal do Ceará, por sua Editora e por deliberação de Antônio Martins Filho e Italo Gurgel, reeditou *Menino Só*, *Terra Bárbara* e *Delírios da Solidão*, obras que ressurgiram para satisfação de um grande público que sem-

pre acompanhou o poeta. Vale ressaltar o carinho com que a Universidade Federal do Ceará cuidou de tudo isso, principalmente por conta do então pró-reitor René Barreira, hoje reitor, ao mesmo tempo que preponderava na atuação do já citado Antônio Martins Filho, o carinho enorme pelo ressurgimento dessas encantadoras obras.

Uma das obras mais comentadas, no âmbito das ciências sociais, é *Povo sem Terra*, trabalho que o credenciou ante o estudo do pensamento nacional. Essa obra se alinha a outros trabalhos, nesse mesmo campo, notadamente artigos publicados na imprensa nacional.

Em vida, começou a reorganizar sua obra poética em vários volumes sob o título de *Toda Poesia de Jáder de Carvalho*, nos quais reeditou *Água da Fonte*, *Cantos da Morte* etc.

Deu sua contribuição à poesia popular com o livro *Alma em Trovas*, logo esgotado.

Jáder de Carvalho foi professor do Liceu, em cuja cátedra revolucionou o ensino de História do Brasil, despertando a aptidão de crítica e de análise de cada aluno. Foi privado, como dissemos, de sua cadeira por ato ditatorial, resultante de processo arbitrário, no qual constava um parecer jurídico que até lhe recomendava a pena de morte.

Findada a ditadura de Vargas, reconquistou sua posição e reiniciou suas atividades em atribulado período, no qual chegou a ser agredido, indo a luta corporal. Nesse tempo, fundou o *Diário do Povo*, cujos redatores eram exatamente alunos do Liceu, como Lúcio Lima, Olavo de Sampaio, Manuel Lima Soares, Dorian Sampaio, Deusdedith de Sousa e logo depois o autor desse trabalho e Jáder de Carvalho Nogueira, filho de Margarida, irmão de Jáder. Esse jornal produziu largo impacto na vida política do estado, sofrendo ameaças do governo Faustino Albuquerque e de inimigos políticos do pensamento caracterizado como integralista.

Como pessoa humana era um amante do sertão e das coisas tipicamente brasileiras. Casou com Margarida Sabóia de Carvalho, sua valorosa companheira de muitos e muitos anos. Trata-se de uma notável mulher que era todo o apoio do qual não podia prescindir. Deu-lhe vários filhos e, por conta disso, ocorreram três

dramas em sua vida: a morte prematura de Adolfo e Rita, falecidos em tenra idade, e mais tarde perderia Jáder de Carvalho Filho, aos vinte anos de idade, ocorrência que o levou ao mais profundo desespero.

Margarida, sua mulher, era filha de Eduardo Saboya, membro da Padaria Espiritual e deputado federal por várias vezes, que faleceu no exercício de um de seus mandatos.

Teve ampla vida política. Fundou o Partido Socialista Brasileiro, cuja existência foi interrompida pela Revolução de 1964. Passado esse período, voltou a fundar o mesmo partido.

Integrou o Partido Comunista Brasileiro, do qual se afastou por divergir de Luís Carlos Prestes. Perseguido por Getúlio Vargas, não concordou, entre outras coisas, com o apoio comunista deferido ao político gaúcho em momento muito grave para a nação brasileira.

Falar em Jáder de Carvalho propicia uma grande amplitude, o que é impossível neste pequeno trabalho, mas que se diga que a sua principal obra foi a luta pelas liberdades, sendo obrigado, por conta disso, a graves conflitos com governantes e poderosos da vida privada. Seus conflitos eram tão intensos que prevenia a família sobre o possível sacrifício de sua própria vida.

Viúvo em junho de 1965, perdendo sua brava companheira, Margarida Sabóia de Carvalho, sentia-se muito só e por isso escreveu *Delírios da Solidão*.

Faleceu no dia 7 de agosto de 1985, passamento rápido que era o que desejava. Sofreu uma grande dor dois dias antes e, ao ser examinado, a dor se repetiu e não foi possível resistir a ela. Estava ao lado do Dr. Aguiar Ramos e do Dr. João Adolfo Carvalho Nogueira, sobrinho a quem dedicava uma grande amizade.

Curioso em sua vida é o que lhe aconteceu por último: era visitado por antigos desafetos e por eles admirado. Até um cidadão que sofrera a incumbência de matá-lo, apareceu-lhe nesse tempo para pedir desculpas...

Várias instituições participaram do ano de comemoração de seu centenário, valendo salientar a Universidade Federal do Ceará, a Fundação Cultural de Fortaleza, tendo à frente o poeta Barros Pinho, a Fundação Patriolino Ribeiro, comandada por Miguel

Dias, a Fundação Demócrito Rocha, graças ao profundo empenho de Demócrito Rocha Dummar e outras instituições.

Naquelas comemorações foram relançados cinco livros, todos aqui mencionados, sendo o último o romance *Aldeota*, em primorosa edição da Fundação Demócrito Rocha.

Intelectuais como Lira Neto, Italo Gurgel, ao lado de pessoas do porte de Antônio Martins Filho, como o então reitor da Universidade Federal do Ceará, prof. Roberto Cláudio, participaram das várias solenidades que marcaram o centenário do grande cearense.

O Partido Socialista Brasileiro fez reunião no Teatro São José, com a presença de Roberto Amaral, para louvar a vida e a obra de Jáder de Carvalho.

As Academias aqui sediadas realizaram solenidades no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, à frente da qual figura o "Príncipe dos Poetas Cearenses" Arthur Eduardo Benevides, sucessor de Jáder de Carvalho na posse desse grande título.

Não faltaram homenagens ao poeta, e a prefeitura municipal de Fortaleza prepara, através de sua instituição cultural, dirigida por Barros Pinho, a colocação do busto do poeta Jáder de Carvalho na Praça Gustavo Barroso, a velha praça do Liceu do Ceará. Essa localização veio muito a propósito, uma vez que durante muitos anos o poeta foi professor desse estabelecimento e o prestigiou sempre, inclusive com a fundação do *Diário do Povo*, cuja redação era uma continuidade do centenário estabelecimento de ensino.

Esse pequeno trabalho é apenas um breve registro da vida e da obra do acadêmico Jáder de Carvalho, membro da Academia Cearense de Letras, na qual foi substituído pelo poeta e contista Barros Pinho.